

# INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

DESAFIOS, ESTRATÉGIAS  
E CASOS DE SUCESSO



INDIRA GANDHI BEZERRA DE SOUSA  
LUANA DE OLIVEIRA ALVES  
HELANO PINHEIRO

**LESTU**  
Editora

## Design Gráfico

Ana Kelma Cunha Gallas

## Diagramação

Kleber Albuquerque Filho

## Revisão Técnica

Edson Rodrigues Cavalcante

## TI OMP/DOI Manager

Eliezyo Silva



Contato: [editora@lestu.org](mailto:editora@lestu.org)  
site: [www.lestu.com.br](http://www.lestu.com.br)  
Whatsapp: (86) 99522-7141  
Imagens da obra: Canva  
(CreativeCommons)

Este título possui uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

A íntegra dessa licença pode ser acessada: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt> Imagens da obra: Canva (CreativeCommons) e "Designed by Freepik" ([http://www.freepik.com/terms\\_of\\_use](http://www.freepik.com/terms_of_use))



FICHA CATALOGRÁFICA  
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Elaborada pelo Bibliotecário Edson Cavalcante CRB 1649/3

S725i SOUSA, Indira Gandhi Bezerra de; ALVES, Luana de Oliveira; PINHEIRO, Helano Diógenes (Org.).  
  
Inovação e sustentabilidade: desafios, estratégias e casos de sucesso / Indira Gandhi Bezerra de Sousa, Luana de Oliveira Alves, Helano Diógenes Pinheiro (Org.). – Teresina: Editora Lestu, 2025.  
Formato: Livro Digital  
Veiculação: Digital  
ISBN: 978-65-85729-10-9  
DOI: <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-85729-10-9>  
  
1. Inovação tecnológica. 2. Sustentabilidade. 3. Desenvolvimento sustentável. 4. Empreendedorismo. 5. Meio ambiente – aspectos econômicos.  
  
I. Título. II. Organizadores. III. Inovação. IV. Sustentabilidade.  
  
CDD: 658.406.3

Índices para catálogos sistemáticos:

Administração; Inovação; Sustentabilidade; Desenvolvimento sustentável; Gestão estratégica; Responsabilidade social corporativa.

# 5

## Organizações das novas economias

Jéssica Oliveira Soares

### 1 POR QUE UMA NOVA ECONOMIA?

“A gente também sabe gerir”. Esta frase de Ananias Nery Viana, líder do Quilombo Kaonge (BA), me trouxe fortes sensações de surpresa e de curiosidade durante a abertura do Congresso da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, em 2022, em Salvador-BA. O que esta frase te faz pensar, sentir, questionar? A mim, me levou por um túnel de curiosidade e questionamentos incômodos:

- “Afinal, existem outras formas de gestão?”
- “Que outra gestão é esta a que ele se refere”?
- “Já que existe outra gestão, por que nos cursos de administração só se fala em uma?”
- “Então, se existe outra gestão (ou outras), também devem existir outros modos de fazer economia e de viver em sociedade”
- “Por onde andam essas novas formas de gestão e por que devemos considerá-las?”

A proposta deste capítulo é, diante disso, apresentar uma reflexão sobre a urgência de pensarmos novas economias, apresentando seis delas com seus conceitos, valores e práticas, para, então, conhecer os novos modelos de organização que surgem neste novo contexto social e econômico, bem como o perfil do empreendedor (ou empreendedora) que os lidera.

De certo que outra gestão, outra economia e outra sociedade são urgentes, em especial, no contexto atual de graves problemas socioambientais que enfrentamos e que só tem se agravado.

Sim, nos últimos sessenta anos avançamos significativamente

no âmbito do bem-estar humano. A expectativa de vida, em 1950, era de apenas 48 anos; hoje, pode-se esperar viver cerca de 80 anos. Desde 1990, o número de pessoas vivendo em extrema pobreza caiu para menos da metade. Mais de 2 bilhões de pessoas tiveram acesso pela primeira vez à água potável e banheiros. Tudo isso enquanto a população humana cresceu quase 40%<sup>1</sup>.

Se este é o lado (bom) do atual sistema socioeconômico, o que encontramos do outro lado? Muitos milhões de pessoas que ainda vivem uma vida de extrema privação. No mundo todo, quase 10% da população é afetada pela fome: 1 em cada 10 pessoas não tem o suficiente para comer, dado que se deve principalmente à crise de saúde e à guerra da Ucrânia<sup>1</sup>.

Quanto ao trabalho, estima-se que quase 50 milhões de pessoas estejam submetidas à escravidão moderna, ou seja, em situação de exploração das quais não conseguem sair em razão de ameaças, violências ou coerção. Semelhante a esse contexto, o Brasil ocupa a 11ª posição do Ranking mundial, com mais de 1 milhão de pessoas nas mesmas condições<sup>2</sup>. Dois bilhões de pessoas ainda vivem com menos de três dólares por dia e mais de 70 milhões de mulheres e homens jovens não conseguem encontrar trabalho. Ao mesmo tempo, o mundo tornou-se extremamente desigual: desde 2015, o grupo 1% mais rico detém mais riqueza que todos os outros 99% juntos<sup>1</sup>.

Para além dessas situações humanas extremas e indignas, acrescentamos a degradação, cada vez mais profunda, do ecossistema natural terrestre. A temperatura global média em 2024 foi considerada a maior já registrada, chegando a 1,55°C acima dos níveis pré-industriais<sup>3</sup>. Quem ainda duvida do aquecimento global?

No Brasil, as consequências estão todos os dias nos noticiários: alta de 76% nos focos de queimada na Amazônia, em 2024, se comparado ao ano anterior; recorde nos focos de incêndio no Pantanal e no Cerrado desde 1988, e a maior tragédia climática

do país, com as chuvas intensas no Rio Grande do Sul, vitimando 172 pessoas e bilhões de reais em perdas financeiras.

Diante disso, percebemos que o atual sistema econômico (capitalismo) traz uma dupla insustentabilidade: de um lado o impacto negativo no aquecimento global e na biodiversidade, do outro, as desigualdades socioeconômicas provocadas.

Esta dupla insustentabilidade se conjuga, pois o aquecimento global reforça as desigualdades econômicas. Isto porque muitas pessoas não conseguem comprar equipamentos e eletros que as ajudem a enfrentar as altas temperaturas, muito menos podem escolher morar em locais mais arborizados e favoráveis a um clima mais ameno, produzindo migrações climáticas dificilmente geridas<sup>4</sup>.

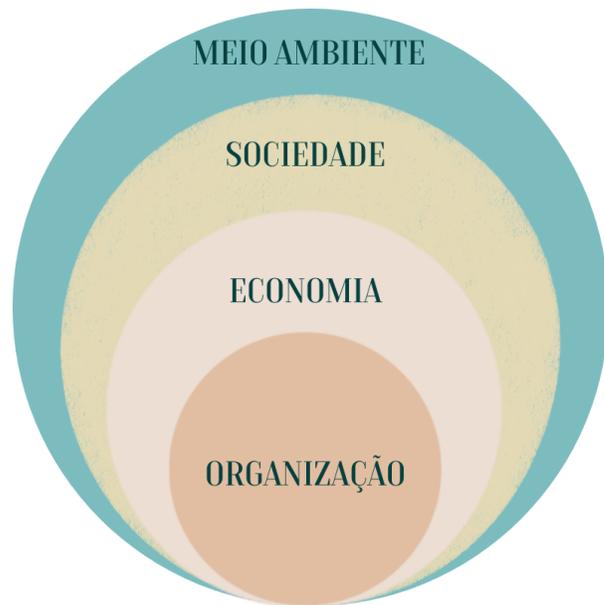
Tal modelo de desenvolvimento deixa de fora milhões de pessoas, já que segue uma lógica social, econômica e de gestão que estimula o individualismo, a competição, o *status*, o materialismo, o utilitarismo e coloca no centro de seus interesses o dinheiro, em detrimento da vida, sem importar os meios para consegui-lo.

Assim, a única solução encontrada é a solidariedade - entre humanos e entre os humanos e a natureza<sup>5</sup>. É o resgate do cuidado como modo de ser essencial, como nos lembra Leonardo Boff. A falta de cuidado se esconde por trás da perda de conexão com o Todo; o vazio da consciência que não mais se percebe parte e parcela do universo<sup>6</sup>.

Enquanto Boff fala de cuidado, Hooks convoca o amor: “a escolha por amar é uma escolha por conectar - por nos encontrarmos no outro”<sup>7</sup>.

A imagem (Figura 1) a seguir nos situa enquanto sujeitos (inter) conectados aos vários espaços-sistemas que se completam e são interdependentes. Em todos os espaços existem dois elementos em comum: o ser humano e a natureza. Sem eles não existe sociedade, muito menos práticas econômicas e organizações. É hora de darem as mãos.

**Figura 1:** Visão sistêmica da organização para a sustentabilidade



Fonte: ABNT PR 2030<sup>8</sup>, 2022.

As organizações são, antes de tudo, uma organização social com práticas econômicas. Sejam elas públicas, privadas, do setor 2,5 ou do terceiro setor, estão inseridas no sistema econômico que, por sua vez, têm origem e lócus de atuação no contexto social (sociedade). Não existe economia sem pessoas, já que a prática econômica é própria das pessoas, do social. Por fim, aquele que permite que todo o resto funcione oferecendo os recursos essenciais é o meio ambiente, sistema comum aos demais, indistintamente.

Esta interdependência entre sistemas acompanha o que Polanyi chama de valor substantivo da economia, ou valor amplo:

O significado substantivo da economia provém da flagrante dependência do homem em relação à natureza e aos seus semelhantes para sobreviver. Ele sobrevive graças a uma interação institucionalizada com o meio natural; isso é economia, que lhe fornece os meios de satisfazer suas necessidades materiais (9, p. 63).

Sendo assim, segundo os estudos da antropologia econômica, existem várias formas de fazer economia. A economia de mercado, própria do capitalismo, coexiste com a economia reciprocitária, a economia redistributiva e a economia doméstica<sup>4</sup>. A lógica de mercado é própria da sociedade moderna, enquanto as demais são encontradas em sociedades bem mais antigas.

No nosso dia a dia, a economia de mercado está em quase todas as nossas práticas de consumo: por exemplo, na ida a um mercado você troca dinheiro por um produto. Aqui o valor das coisas é dado pelo seu preço, que, por sua vez, é definido pela lógica da oferta e demanda. Existe uma troca monetária, apenas. A economia reciprocitária existe, por exemplo, quando você faz parte de um mutirão no seu bairro para resolver o problema da limpeza ou na construção de um parquinho. Já a redistribuição pode ser entendida a partir da ação do Estado, em arrecadar recursos por meio de impostos e distribuí-los em prol do bem-estar social e redução das desigualdades. Por fim, a economia doméstica atua quando você produz para consumo próprio, seguindo a mesma lógica da reciprocidade, porém no ambiente mais restrito, familiar, por exemplo.

Perceba que as economias reciprocitária, redistributiva e doméstica atuam dentro de uma lógica de solidariedade, de ajuda mútua, a partir da responsabilização do indivíduo com o todo e da relação de interdependência entre as pessoas, no contexto de sociedade e do meio ambiente. Assim, a economia de mercado - com sua lógica individualista, racional, impessoal e utilitarista - seria uma prática estranha à natureza humana, uma vez que surgiu bem mais recentemente no agir econômico.

Com isso, entendemos o que Ananias quer dizer com “a gente também sabe gerir”. Ele, como líder de uma comunidade quilombola, resgata e nos relembra que os povos ancestrais já faziam economia, antes mesmo que a lógica de mercado se tornasse hegemônica. Os valores que carregam reconhecem a importância da vida, em primeiro lugar, e das relações entre os humanos e entre estes e a natureza para a manutenção da vida em sociedade.

Não por acaso, são estes os valores básicos que fundamentam as novas economias. Antes de conhecê-las, você deve estar se perguntando: “quem é esse ‘novo’ gestor?”.

## 2 UM NOVO SUJEITO ECONÔMICO PARA AS NOVAS ECONOMIAS

Ao nos percebermos como membros responsáveis e interdependentes entre si e do meio ambiente, como mostrado na Figura 1, entendemos que o bem-estar coletivo é condição indispensável para o bem-estar individual. Alcançamos isto a partir de uma relação harmônica com a natureza e com a sociedade por meio de práticas, hábitos e escolhas mais conscientes no nosso dia a dia.

Quer um exemplo? Um belo dia estava com amigos em um bar tomando drinks, conversando, me divertindo. A segunda bebida veio acompanhada de um segundo canudo de plástico. Nesse momento, uma amiga fez algo que me impactou: ela devolveu ao garçom o segundo canudo e reutilizou o primeiro. Simples assim. Fui influenciada ali, naquele instante. A partir daquele dia passei a fazer o mesmo. Hoje tenho na bolsa, além de canudos reutilizáveis de inox, um copo retrátil de silicone que levo para qualquer lugar e, assim, evito menos um plástico descartado na natureza.

Você pode pensar: “porque ‘eu’ vou reduzir o uso de plástico se todos os anos são descartados o equivalente a 64 quilos de plástico por pessoa no Brasil?”<sup>10</sup>. Vou tomar emprestada outra frase do Ananias: “não existe desenvolvimento sem envolvimento”.

Foi o que fez Manoel José Nunes Neto, o piauiense ganhador do Prêmio Jovem da Água de Estocolmo 2024, também conhecido como Nobel da Ciência Jovem. Quando assistia a uma matéria do Jornal Nacional que denunciava muitas comunidades ribeirinhas do Amazonas, sofrendo com a contaminação de mercúrio no rio que abastece as famílias ali residentes, ficou inconformado. Apaixonado por engenharia, pensou em uma solução que

resolvesse o problema de poluição da água que acomete tantos outros estados brasileiros e também outros países.

A solução foi a construção de um barco autônomo para monitoramento da qualidade da água. Ele diz que seu maior interesse é desenvolver tecnologias sustentáveis que ajudem as pessoas e o meio ambiente. Em uma feliz oportunidade, pude perguntá-lo qual outro problema o incomodava e ele respondeu: os insistentes casos de dengue em Teresina (sua cidade de origem, capital do Piauí). Motivado a encontrar uma solução, está desenvolvendo uma tecnologia que ajuda as famílias a se prevenir da doença gastando pouco.

Essa é uma convocação a todos nós para contribuir com a solução de problemas sociais e ambientais enfrentados pela humanidade e que impactam principalmente as pessoas mais vulneráveis.

Quer mais exemplos do que você pode iniciar hoje?

- Faça a compostagem do seu lixo - já existem empresas especializadas nisso, que oferecem pacotes de coleta e compostagem dos resíduos, além de devolução mensal aos clientes de parte do material compostado como adubo orgânico.
- Vá ao mercado ou à feira com sacolas ou bolsas reutilizáveis.
- Para as mulheres: deem preferência a absorventes reutilizáveis. São higiênicos e oferecem mais proteção à saúde íntima.
- Compre de empresas que possuam uma gestão ética, responsável e empática com as pessoas e a natureza.
- Prefira comprar diretamente de pequenos produtores ou comerciantes locais, como o “senhor Antônio” do mercadinho ou a “dona Maria” da horta.
- Encontre alguma causa social ou ambiental para apoiar.
- Repense hábitos de consumo. Ao invés de comprar novos artigos de vestuário, que tal visitar um brechó, pedir emprestado ou reutilizar o que já tem?

- Realize permutas, empréstimos, reciclagem, doações de equipamentos e outros recursos com amigos, familiares, vizinhos, colegas de trabalho, ou mesmo com desconhecidos, por meio de aplicativos que já existem por aí.

Mesmo com pequenos passos e pequenas mudanças, podemos fazer aquilo que estiver ao nosso alcance agora. Afinal, Flávio José nos dá esperança ao cantar: “cada caminhada começa com o primeiro passo”. As nossas ações influenciam as pessoas a todo momento, então, acredite, a sua ação junta-se a tantas outras, e assim criamos um movimento, uma revolução, uma nova sociedade.

Após esta reflexão acerca do nosso estar no mundo como indivíduo, na sociedade, na relação com as pessoas e com a natureza, no agir econômico e a importância de nos (re)lembrarmos do valor intrínseco da solidariedade e do cuidado, chegamos ao papel do gestor, do empreendedor ou, num sentido mais amplo, o papel deste novo sujeito econômico que vai atuar nas novas organizações das novas economias. Afinal, para sermos gestores ou gestoras conscientes, precisamos antes, como indivíduos, adotar tais valores.

O que vem à sua mente quando pensa em um ou uma empreendedor(a)? Posso imaginar que você pensou em uma pessoa muito bem vestida, com ideias e pensamentos pragmáticos, que resume o sucesso a ganhos financeiros, por isso está a todo momento farejando oportunidade de lucro em pessoas e negócios. Uma pessoa que faz de tudo - tudo mesmo - para alcançar os objetivos organizacionais, mesmo que por meio de um comportamento pouco ético; que tem uma postura imponente e ar de autoridade; que vive ocupada e com uma conta bancária com muitos dígitos. Acertei?

Sesim, você está certo. Essa imagem comum de um empreendedor utilitarista ou eticamente neutro foi cunhada em nosso imaginário desde o século XIX, graças às teorias e gráficos de economistas liberais, como Adam Smith, David Ricardo, John Stuart Mill, Milton Friedman. Este último é autor da célebre frase que permeia o campo

da gestão e a atuação do nosso personagem empreendedor até os dias atuais: “*the business of business is business*”. Em tradução livre significa que o único objetivo das empresas é maximizar o lucro para os acionistas (ilustrada na imagem abaixo). Em 1976, Friedman foi laureado Nobel de Economia.

**Figura 2:** Consequência do empreendedorismo eticamente neutro



**“Sim, o planeta foi destruído. Mas por um lindo momento nós criamos um monte de valor para o acionista.”**

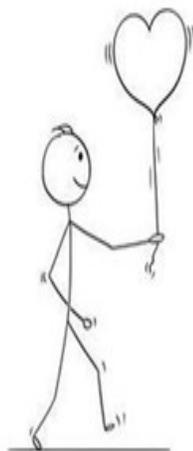
Fonte: FGV<sup>11</sup>, 2023.

Tal lógica gestionária dá notícias do que é importante na economia de mercado predominante: produção crescente, ilimitada e neutra, do ponto de vista ético. Por ser, ela mesma, fundadora das primeiras teorias de gestão propostas por Taylor e Fayol, hoje centenárias, tal lógica foi praticada pelos primeiros empresários e empreendedores no período industrial, e influencia até hoje as empresas sob a pretensa veste de melhor modelo de gestão. Taylor e Fayol estão vivos!

O empreendedor eticamente neutro personifica a fala de Friedman e está à frente da maioria das atuais organizações. Sua postura é a de não se responsabilizar por questões sociais e/ou do meio ambiente, já que entende que estas são demandas do Estado ou do terceiro setor. A função da empresa é meramente organizar recursos - dinheiro, bens, terras, pessoas - para obter o melhor resultado material. Quanto mais consumo, produção e lucro, melhor. Missão empreendedora cumprida.

Cada época tem o empreendedor que merece. Caso eu tenha errado a sua imagem mental, você provavelmente já atualizou tal personagem. Apresento-lhe o empreendedor social que, em contraposição ao empreendedor utilitarista, busca alcançar o bem comum, atuando em coletividade. A Ashoka, maior rede de empreendedores sociais do mundo, desenha assim o empreendedor social:

**Figura 3:** Características do empreendedor social



- Em busca de uma **nova ideia** que resolva uma necessidade social;
- Usa sua **capacidade criativa** para criar soluções novas aos problemas sociais;
- **Capacidade e qualidade empreendedora** para levar a solução a um nível mais alto e buscar soluções aos desafios que podem aparecer no caminho;
- Gera **impacto social** por meio da ideia de que possa ser comprovado e que se concentre no benefício das pessoas mais afetadas;
- **Fibra ética** que seja refletida em um comportamento honesto e que os demais possam depositar nele ou nela toda a confiança

**Fonte:** Imagem Pinterest; ANASTÁCIO<sup>12</sup>, 2018.

Uma qualidade comum aos empreendedores sociais é que eles causam mudança social positiva. Além disso, a persona do empreendedor social possui valores, comportamentos, crenças, motivação e mentalidade bem específicas. Quais das qualidades abaixo você já tem ou deseja desenvolver?

**Figura 4:** Persona do Empreendedor Social



|                      |                            |   |
|----------------------|----------------------------|---|
| 1 - Propósito social | 2 - Mentalidade de mudança | 3 - Ferramentas de mudança                |
| 4 - Ecossistema      | 5 - Mudança                | 6 - Relação com outros agentes de mudança |

**Fonte:** ANASTÁCIO<sup>12</sup>, 2018.

Todo empreendedor social é motivado pelo seu **PORQUÊ**, conhecido por seu **propósito social**. Eles desejam fortemente causar algum impacto positivo na sociedade ou no meio ambiente. Para isso, possuem uma **mentalidade de mudança**, pois acreditam que podem contribuir para resolver algum problema que o incomoda, modificando a realidade por meio de sua capacidade de criação e inovação.

Quando estão empenhados nesta mudança, buscam ou desenvolvem **ferramentas** capazes de auxiliá-los, bem como conhecem o **ecossistema** em que atuam, suas regras, desafios e janelas de oportunidades de **mudança**. A mudança que empreendem

ocorre de forma sistêmica e profunda, no sistema de crenças, nos símbolos culturais, nos comportamentos e nos valores, criando um ecossistema a partir das **relações com outros agentes de mudança**<sup>12</sup>.

Para que este novo agir econômico-social se estabeleça e seja fecundo, precisamos pensar em uma nova economia que abarque, além do valor econômico, também o valor social - cidadania, democracia, diversidade, igualdade socioeconômica, justiça social e climática. E qual não é a nossa surpresa ao descobrir que já temos uma nova economia que carrega tais valores. Uma só não, várias!

### 3 UMA NOVA ECONOMIA, NÃO. VÁRIAS!

*A utopia está lá no horizonte.  
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.  
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.  
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.  
Para que serve a utopia?  
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.  
Para que serve a utopia? -  
Eduardo Galeano*

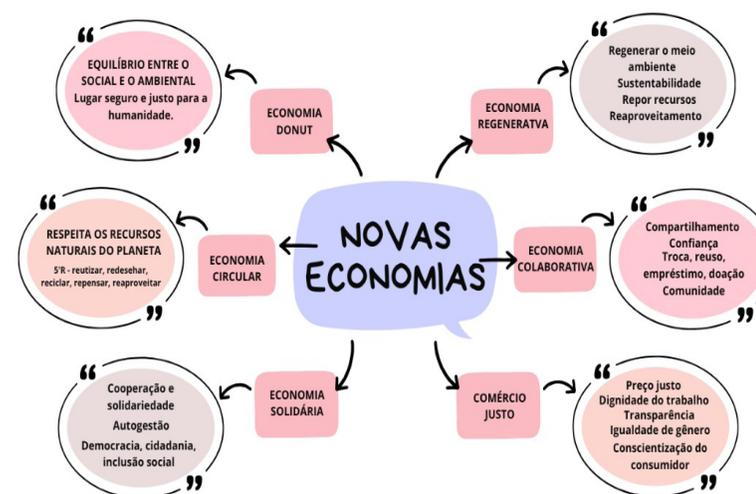
Quando fazia o mestrado e estudava economia solidária, um professor afirmou bem direto e reto, diante de toda a turma, que o meu tema era uma utopia. Em seguida citou o poema do Eduardo Galeano que abre este tópico. Numa tentativa de me confortar? Talvez. O certo é que essa fala dele me acompanhou por todo o mestrado, vestida de justiceira, ajudando-me a buscar elementos que “provassem” que não só a economia solidária, mas as demais economias são, não apenas possíveis e já existentes, como urgentes. Enfim, a utopia é uma justiceira que nos ajuda a caminhar.

Economia Donut, Economia Solidária, Economia Circular, Economia Regenerativa, Economia Colaborativa e **Comércio Justo**<sup>13</sup>. Essas são as novas economias que avistamos no nosso horizonte, para onde devemos caminhar. Não necessariamente para substituir a economia de mercado, mas para ressignificá-la, torná-la mais ética, responsável e empática com as pessoas e a natureza.

A Figura 5 apresenta um panorama das novas economias e suas características-chave, que serão detalhadas a seguir.

A expressão Nova Economia surgiu no final da década de 1990, buscando elucidar as relações que estavam surgindo com o desenvolvimento da tecnologia da informação. Tudo e todos

Figura 5: As novas economias



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

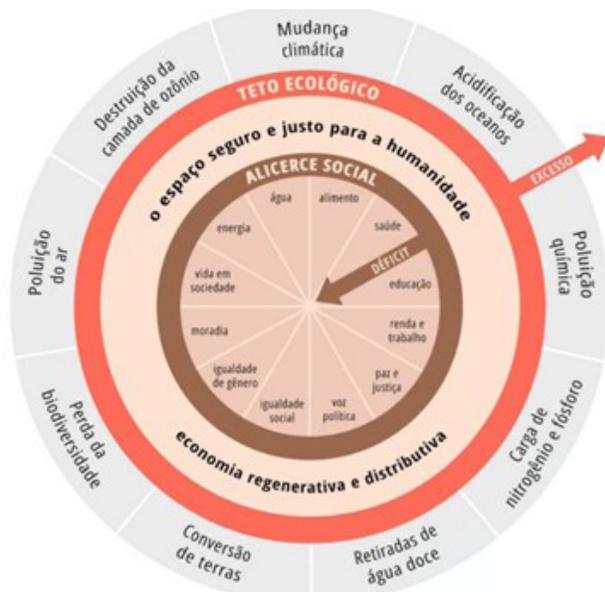
estamos sob a interferência da revolução digital, das relações comerciais ao nosso modo de pensar e estilo de vida adotado<sup>13</sup>.

A **Economia Donut** é um modelo econômico desenhado pela economista inglesa Kate Raworth, que guia a humanidade na direção de um futuro capaz de prover as necessidades de cada pessoa, ao mesmo tempo que protege o meio ambiente do qual todos nós dependemos.

Para entender esse modelo, a autora utiliza a imagem de uma rosquinha muito famosa nos Estados Unidos, o donut (Figura 6).

Abaixo do **alicerce social** do Donut encontram-se os déficits no bem-estar humano, como alimento, educação, moradia, água potável e outros bens essenciais à vida. Acima do **teto ecológico**

**Figura 6:** Economia Donut: uma bússola para o século XXI



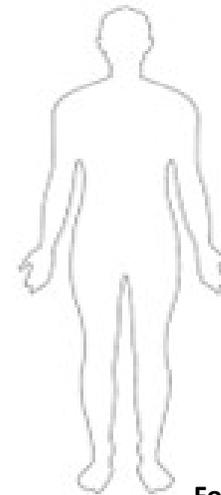
Fonte: RAWORTH<sup>1</sup>, 2019.

estão as consequências de uma pressão nos sistemas geradores de vida na Terra, como mudanças climáticas, poluição do ar, perda da biodiversidade. Porém, entre o alicerce social e o teto ecológico existe um **espaço ecologicamente seguro e socialmente justo para a humanidade** - com a forma de um donut. Kate Raworth convoca: “a tarefa do século XXI é trazer toda a humanidade para esse lugar seguro e justo”<sup>1</sup>.

A Economia Donut é distributiva e regenerativa por concepção. Isso porque faz circular o valor criado ao invés de concentrá-lo nas mãos de poucos e conta com a participação de todas as pessoas na regeneração dos ciclos geradores de vida na Terra, para que prosperemos dentro dos limites planetários<sup>1</sup>.

Para isso, a autora também desenha o que seria o autorretrato do sujeito econômico que atua nesta nova economia. Precisamos resgatar este eu econômico responsável, consciente e interdependente, atento às demandas do seu entorno, que é solidário e cuida dos problemas socioambientais que lhe atravessam (Figura 7).

**Figura 7:** Autorretrato do eu econômico na Economia Donut



Fonte: Google Imagem; RAWORTH<sup>1</sup>, 2019.

- Em vez de seres egoístas e autocentrados, somos sociais e recíprocos;
- Em vez de preferências inflexíveis, temos valores fluídos;
- Em vez de isolados, somos interdependentes;
- Em vez de calcular, geralmente aproximamos;
- Longe de dominar a natureza, estamos profundamente integrados na teia da vida.

Anita Roddick é um inspirador exemplo deste novo ser econômico. Ao abrir a The Body Shop<sup>14</sup>, em 1976, na cidade inglesa de Brighton, ela vendia cosméticos naturais à base de plantas (nunca testados em animais), em frascos reutilizáveis e caixas recicladas (por que jogar fora se você pode usar outra vez?), ao mesmo tempo pagando um preço justo às comunidades de todo o mundo que lhe forneciam manteiga de cacau, óleos de castanha e ervas secas. À medida que a produção expandia, passou a reutilizar água e foi uma das primeiras empresas a investir em energia eólica. Ainda, os lucros da empresa iam para a The Body Shop Foundation, que os direcionava a causas sociais e ambientais. A motivação de Roddick? “Quero trabalhar

para uma empresa que contribua para a comunidade e faça parte dela. Se eu não puder fazer algo pelo bem comum, que diabos estou fazendo?”<sup>1</sup>

E no Brasil, consegue lembrar de alguma empresa com estes mesmos valores? Sim, a afinidade com a Natureza é tanta que em 2017 a The Body Shop foi adquirida pelo grupo brasileiro. Hoje, a Natura&Co<sup>15</sup> é o quarto maior grupo de beleza do mundo, com uso de insumos cultivados e coletados com respeito às pessoas e à biodiversidade, além de oferecer educação para crianças e jovens por meio do Instituto Natura e utilizar plástico reciclado em 100% das embalagens dos produtos da linha Ekos.

Esta última iniciativa nos leva à próxima nova economia: a **Economia Circular**. Ela se preocupa com o descarte do produto, após seu uso ou consumo, ou mesmo com o descarte do resíduo de fabricação. Em substituição a uma cadeia produtiva linear que finaliza com o lixo descartado, na Economia Circular, a ideia é não ter mais lixo. Neste sentido, propõe práticas empresariais conscientes de reciclagem, reutilização, reuso, redesenho. Inclusive, está diretamente ligada ao processo de design, propondo que já no desenvolvimento do produto seja planejado o seu descarte, reciclagem, reuso, logística reversa, cuidando para reduzir ao máximo o impacto negativo ambiental<sup>13</sup>.

A Economia Circular é importante para incentivar o comportamento colaborativo entre empresas que passam a compartilhar interesses em comum de produção e colocação no mercado. Assim, bens que estão em desuso por alguém podem ganhar nova utilidade para outra pessoa<sup>13</sup> ou empresa, como a parceria entre a Nespresso e a Natura, que transforma cápsulas de café reciclada em embalagens cosméticas sustentáveis<sup>16</sup>.

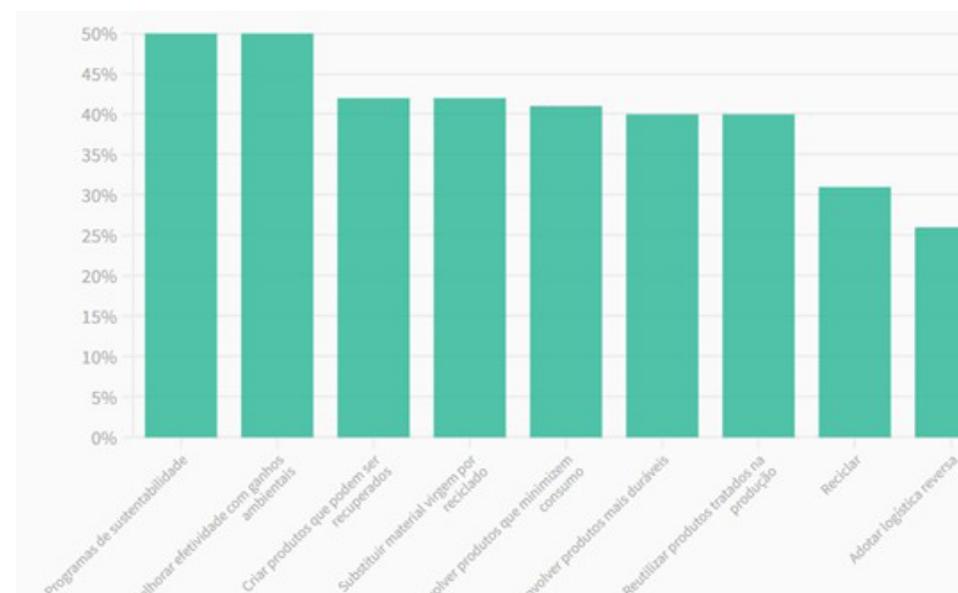
A Estratégia Nacional de Economia Circular (Decreto nº 12.082/2024), além de criar um ambiente normativo e institucional para a economia circular, prevê o fomento à inovação, à cultura, à educação e à geração de competências para reduzir, reutilizar e promover o redesenho circular da produção; incentivar a redução da utilização de recursos e a geração de resíduos, preservando o valor dos materiais; proposição de instrumentos financeiros e

financiamentos para a economia circular, promoção da articulação entre todos os entes da federação e o envolvimento dos trabalhadores e trabalhadoras da economia circular<sup>17</sup>.

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria - CNI, 85% da indústria brasileira adotam alguma prática de economia circular. Dentre elas, as que mais se destacam são programas de sustentabilidade e a melhoria da efetividade dos processos a partir de práticas sustentáveis<sup>18</sup>, conforme Figura 8.

Um exemplo bastante conhecido de organizações da economia circular são os brechós ou os mercados de *second hand*. Segundo dados do Sebrae, no Brasil, em 2023, havia 118 mil brechós ativos, o

**Figura 8:** Práticas de economia circular na indústria brasileira



Fonte: CNI<sup>17</sup>, 2024.

que equivale a um aumento de quase 31% nos últimos cinco anos<sup>19</sup>. Os mais famosos são as plataformas Enjoei e Troc, e as lojas Gringa e Peça Rara.

Nos causa otimismo saber do crescimento do mercado de

segunda mão, quando os dados atuais mostram que a moda é a segunda indústria mais poluente do mundo, graças ao modelo acelerado de produção, consumo e descarte. Como resposta a essa problemática, tem ganhado força um movimento de incentivo à moda sustentável e ao *slow fashion* (consumo consciente), como a varejista C&A, que disponibiliza mais de duzentos pontos de coleta de roupas usadas em bom estado<sup>20</sup>.

Outro setor que pertence à economia circular é a compostagem de resíduos orgânicos. Em Teresina, no Piauí, as empresas É de Sol Compostagem<sup>21</sup> e Ninho do Verde Compostagem<sup>22</sup> vendem planos residenciais e empresariais de serviços de coleta e compostagem dos resíduos orgânicos, transformando-os em adubo que retorna ao cliente. Em 2024, a É de Sol compostou 18 toneladas de resíduos orgânicos, produziu 3,6 toneladas de adubo e evitou a emissão de, aproximadamente, 14 toneladas de CO<sub>2</sub>, o que equivale ao CO<sub>2</sub> capturado por 240 árvores.

A **Economia Colaborativa** também contribui para reduzir o consumo e a produção, ao mesmo tempo em que busca um melhor aproveitamento dos recursos existentes. Aplicativos como Uber e Airbnb identificaram que automóveis e residências poderiam ser compartilhados. A Wikipédia propôs que o conhecimento coletivo de dezenas de milhares de pessoas em todo o mundo pudesse ser compartilhado<sup>23</sup>. Do mesmo modo, a prática do *crowdfunding* permite que pessoas financiem coletivamente projetos em qualquer parte do mundo.

Também chamada de Economia Compartilhada, a economia colaborativa diz respeito ao acesso e à circulação de produtos e serviços por meio da troca, aluguel, empréstimos e doações de modo compartilhado, com o intuito de reduzir o desperdício no uso de bens e a diminuição do consumo de modo geral. Um exemplo interessante é o aplicativo "*Couchsurfing*"<sup>24</sup>, que oferece hospedagem compartilhada a viajantes que estão passando por mais de 200.000 cidades cadastradas em todo o mundo. O serviço tem como propósito enriquecer as viagens por meio da conexão entre pessoas. Quem tem um quarto, um sofá ou um colchão em

casa pode oferecer aos viajantes, compartilhando sua vida com as pessoas que encontram, promovendo o intercâmbio cultural e o respeito mútuo. Conseguiu perceber que a Economia Colaborativa pode estar entrelaçada à Economia Circular e vice-versa?<sup>13</sup>

Nas novas economias, a verdadeira transformação decorre de uma nova compreensão de valor: "não há riqueza a não ser a vida", como escreveu John Ruskin em 1860.<sup>1</sup>

A vida está no centro da **Economia Solidária**. Ela surgiu na década de 1990, a partir de empreendimentos que operam de forma associativa, como cooperativas, associações, fóruns, redes, clubes. A autogestão é central neste modelo, pois garante a participação igualitária, sem hierarquia, de todos os membros para a solução de problemas locais. É a chamada via "sustentável-solidária", cuja principal premissa é a de que todo local, bairro ou comunidade, por mais pobre que seja, pode ser portador de soluções para os seus próprios problemas<sup>25</sup>.

O exemplo mais emblemático de economia solidária são os bancos comunitários de desenvolvimento (BCD), que contribuem para o desenvolvimento local a partir da inclusão financeira de pessoas historicamente excluídas do sistema financeiro tradicional. Tal inclusão acontece pela oferta de linhas de microcrédito com baixíssimos juros e nenhuma garantia formal (como contracheque, bens e fiadores) a pessoas que já têm ou querem iniciar um pequeno empreendimento, como agricultura, criação de animais, serviços de beleza, mercearias e pequenas lojas. O crédito pode ser em moeda oficial (Real) ou em moeda própria, as chamadas moedas sociais.

Essa prática surgiu, na década de 70, com o professor Muhammad Yunus, na criação do Grameen Bank, ou Banco da Aldeia, em Bangladesh. Yunus emprestou dinheiro do próprio bolso para pequenos produtores reféns de agiotas e seus juros abusivos. Os tomadores de empréstimo não só pagaram o valor que deviam como prosperaram em seus negócios, mostrando ao mundo que o microcrédito pode ser uma solução para a pobreza e um caminho para o desenvolvimento de comunidades<sup>26</sup>.

O Banco Palmas foi o primeiro BCD do Brasil e está localizado

em Fortaleza-CE, no Conjunto Palmeira. Também é pioneiro na criação da plataforma E-dinheiro, aplicativo que reúne todas as moedas sociais do Brasil, oferecendo transações digitais, e na criação do cartão de crédito feito de bambu.

Também defensor da vida e da sustentabilidade, o Comércio Justo coloca o ser humano e a sustentabilidade social, econômica e ambiental no centro, dignificando o trabalho, respeitando o meio

**Figura 9:** Selo Fairtrade



**Fonte:** Google Imagens, 2025.

ambiente e promovendo uma gestão responsável e sustentável dos recursos naturais.

Por meio da promoção de novas relações comerciais baseadas em práticas éticas, como melhores condições comerciais e garantia de direitos a produtores e trabalhadores marginalizados, proporciona aos(as) pequenos(as) produtores(as) organizados(as) um acesso direto ao mercado em condições justas e equitativas, criando um canal de comercialização sustentável, solidário e de qualidade, aproximando os produtores dos consumidores<sup>27</sup>.

Um exemplo bem interessante é a feira que acontece toda terça-feira no bairro Mutirão, em Pedro II - PI.

Um dia acordei bem cedo e fui conhecer - e comprar alguns vegetais e frutas, claro! Passeando pelas barraquinhas, avistei uma com verduras e frutas super atraentes. Enquanto comprava,

conversei com o produtor que me atendia sobre a importância daquela feira para sua renda. Fiquei muito surpresa e triste quando ele afirmou que, sem aquela feira, na qual vendia uma rama de cheiro verde por R\$ 1,50, se sentia obrigado a vender para o sacolão por apenas R\$ 0,50 pois, do contrário, não teria para quem vender toda sua produção.

Aqui é um exemplo de como os princípios do comércio justo podem ser praticados, independente da filiação ao Sistema Internacional Fairtrade. Esse sistema conecta trabalhadores e produtores a consumidores conscientes em todo o mundo. A próxima vez que for comprar café, por exemplo, observe na embalagem se tem o selo FairTrade (Figura 9).

O selo é a garantia da certificação no Sistema Fairtrade, que estabelece um preço mínimo que permite às organizações de pequenos(as) produtores(as) receber um pagamento que cobre os custos de produção, possibilitando uma renda digna para produtores(as) e trabalhadores(as). Além disso, as organizações recebem o prêmio Fairtrade, uma renda adicional, de acordo com o volume de vendas, que pode ser utilizada com o intuito de financiar iniciativas para melhorar a produção ou projetos sociais em suas comunidades<sup>27</sup>.

Independentemente de a associação ou cooperativa possuir a certificação, é possível que governos, empresas e outras organizações pratiquem os princípios do comércio justo. Além de feiras de agricultura familiar, como a de Pedro II - Piauí, a Natura também atua com tais princípios. Por meio do programa Amazônia Viva, em 2023, investiu em capacitação das cooperativas e associações do território, em iniciativas de conservação e regeneração, digitalização e infraestrutura, entre outras, para fortalecer as cadeias da sociobiodiversidade e seus territórios, com foco especial no protagonismo de jovens e mulheres. Além disso, ao mesmo tempo que estimula a produção garante a compra da safra, reduzindo prejuízos das cooperativas<sup>28</sup>.

Atuar na regeneração e conservação de áreas verdes é o foco central da Economia Regenerativa, que se preocupa em criar e

pensar negócios que têm como missão reconstruir o meio ambiente. Assim, além de criar um impacto ambiental positivo, também atenuam impactos negativos já existentes. Um excelente exemplo de negócio que opera dentro da lógica da Economia Regenerativa é a empresa Juçaí<sup>29</sup>, localizada no Rio de Janeiro, que produz um sorvete à base do fruto da palmeira juçara, ao mesmo tempo em que atua regenerando a mata atlântica presente na cidade<sup>13</sup>. Assim, a cada 8 litros de juçaí consumidos, uma palmeira é mantida de pé<sup>29</sup>.

Daí surge o conceito de empresas regenerativas, as quais são projetadas para restaurar e regenerar propositalmente ecossistemas vivos degradados e construir deliberadamente resiliência e melhorar o bem-estar das comunidades que dependem de tais ecossistemas<sup>30</sup>.

Assim, na economia regenerativa, o empreendedor não deseja apenas minimizar o impacto, mas também reverter as consequências de ações danosas e criar condições para melhorar o meio ambiente<sup>31</sup>, ao mesmo tempo que produz, vende e lucra. Como já citado anteriormente, a Natura possui uma gestão voltada para a economia regenerativa, especialmente na linha de produtos Natura Ekos.

Importante ressaltar que todas as novas economias aqui apresentadas estão interconectadas, especialmente a Economia Donut, que abarca todas as demais no que diz respeito às suas práticas e valores. Percebeu que a economia circular, a economia colaborativa, a economia regenerativa, a economia solidária e o comércio justo são trilhas do caminho que nos leva ao espaço seguro e justo para a humanidade e o meio ambiente, o donut?

Após conhecer o novo eu econômico e as novas economias, que tal pensarmos em novas organizações que repensam a gestão? Afinal de contas, se temos novas economias, também temos novos modelos de negócios.

No tópico a seguir, vamos passear pelas organizações que já contribuem para um mundo melhor.

#### 4 AS ORGANIZAÇÕES DAS NOVAS ECONOMIAS

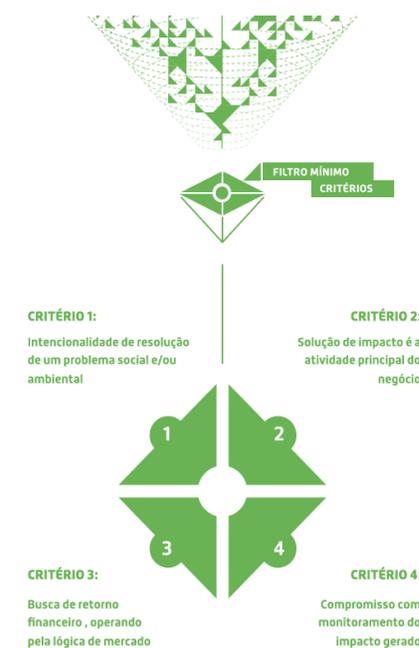
É nesse novo contexto e com esta nova imagem do empreendedor

que surgem as organizações das novas economias: os negócios de impacto socioambiental, os **negócios sociais**, as cooperativas, os empreendimentos econômicos solidários, as empresas b, as **empresas regenerativas** e empresas com responsabilidade socioambiental.

Os **Negócios de Impacto Socioambientais (NIS)** pertencem ao setor 2,5, pois adotam práticas de mercado gerando lucro - como fazem as organizações do segundo setor - ao mesmo tempo que solucionam problemas sociais e/ou ambientais - como também fazem as organizações do terceiro setor. As principais características dos NIS atendem a quatro critérios essenciais (Figura 10):

Assim, são negócios que têm a intenção clara de endereçar um problema socioambiental por meio de sua atividade principal

**Figura 10:** Características que definem os negócios de impacto socioambiental (NIS)



Fonte: Pipe Social<sup>32</sup>, 2019.

(seja seu produto/serviço e/ou sua forma de operação). Buscam retorno financeiro para continuar causando impacto positivo que, obrigatoriamente, deve ser medido e divulgado<sup>32</sup>.

Utilizando esta mesma definição de negócios de impacto, as startups de impacto adicionam as características de escalabilidade e repetibilidade. O mapeamento realizado pelo Sebrae, publicado em 2024, aponta que no Brasil existem 408 startups de impacto, tendo como líderes as regiões Sudeste e Nordeste, somando mais 60% do total.

Mais da metade destas organizações buscam resolver problemas relacionados ao meio ambiente, como emissões de gases de efeito estufa e gestão de resíduos. São as chamadas *greentechs*. Em relação aos problemas sociais, buscam oferecer suporte ao empreendedorismo e à inclusão social de pessoas excluídas ou sub-representadas na sociedade. Assim, as áreas de atuação das startups de impacto são, principalmente, a Educação, seguida pelo Agronegócio e Saúde e Bem-Estar<sup>33</sup>.

São exemplos de NIS<sup>33</sup>:



**Nina MOB**<sup>34</sup>, aplicativo que rastreia denúncias de assédio e violências.



**Odoná**<sup>35</sup>, uma HRTech paulista com foco em promover a inclusão social no mercado de trabalho brasileiro por meio de ações voltadas para a diversidade.



**Piipee**<sup>36</sup>, que desenvolveu um produto utilizado em vasos sanitários para economizar até 15 mil litros de água por mês.

Esses negócios podem distribuir dividendos para acionistas e investidores de impacto. Já os negócios sociais têm as mesmas

características dos NIS, porém seus lucros são reinvestidos no próprio negócio e não fazem distribuição de dividendos para os acionistas. A Yunus Negócios Sociais foi criada pelo professor Muhammad Yunus e passou a atuar no Brasil em 2013, sendo hoje uma referência de instituição de apoio aos negócios sociais, por meio da aceleração e investimento<sup>37</sup>.

As **cooperativas** fazem parte do rol de **empreendimentos econômicos solidários**, pois operam em uma dimensão associativa. Segundo o Anuário do Cooperativismo Brasileiro de 2024<sup>38</sup>, existem mais de 23 milhões de cooperados distribuídos em mais de 4500 cooperativas nos sete ramos: financeiro, agropecuário, consumo, infraestrutura, trabalho, bens e serviços, transporte, saúde. O setor agropecuário é o maior ramo de cooperativismo no Brasil, com 1179 cooperativas, mais de 1 milhão de cooperados e mais de 250 mil pessoas empregadas. Em número de cooperados quem ganha é o setor de crédito, com quase 18 milhões. São Paulo e Minas lideram o ranking em número de cooperativas<sup>31</sup>.

A cooperativa é uma sociedade de natureza civil, formada por, no mínimo, 20 pessoas, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns. Os próprios associados, seus líderes e representantes têm total responsabilidade pela gestão e fiscalização da cooperativa. Exemplos de cooperativas brasileiras: Aurora Alimentos (SC)<sup>39</sup>, que atua na industrialização e comercialização de carnes suínas, de aves, lácteos, massas, vegetais, pescados e suplementos para nutrição animal; Sicoob<sup>40</sup> - instituição financeira cooperativa (presente em todo o Brasil) e Coopercata (SP)<sup>41</sup>, cooperativa de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis do Município de Mauá.

Além das cooperativas, são empreendimentos econômicos solidários as demais organizações que produzem e comercializam seus produtos a partir da autogestão, ou seja, a participação democrática de seus membros, e com repartição equitativa dos resultados. Exemplos: clubes de trocas, feiras solidárias, associações de artesãos, empresas recuperadas, movimento interestadual das quebradeiras de coco, os bancos comunitários de desenvolvimento.

As **Empresas B** são empresas tradicionais com práticas de responsabilidade social corporativa. Essas organizações são certificadas pelo Sistema B, que avalia o impacto positivo das operações e do modelo de negócio da empresa em critérios como funcionários, comunidade, meio ambiente e clientes – desde sua cadeia de suprimentos e materiais de entrada até suas doações de caridade e benefícios aos funcionários. No mundo existem mais de 7 mil empresas B, ou também chamadas BCorp. Destas, 337 estão no Brasil<sup>42</sup>.

O Movimento B foi criado em 2006, nos Estados Unidos, com objetivo de redefinir o sucesso na economia, para que sejam

**Figura 11:** Selo de certificação do Sistema B Brasil



Fonte: Google imagens, 2025.

considerados não apenas o êxito financeiro, como também o bem-estar da sociedade e do planeta. Esta é uma comunidade global de líderes que usam os seus negócios para a construção de um sistema econômico mais inclusivo, equitativo e regenerativo para as pessoas e para o planeta<sup>42</sup>.

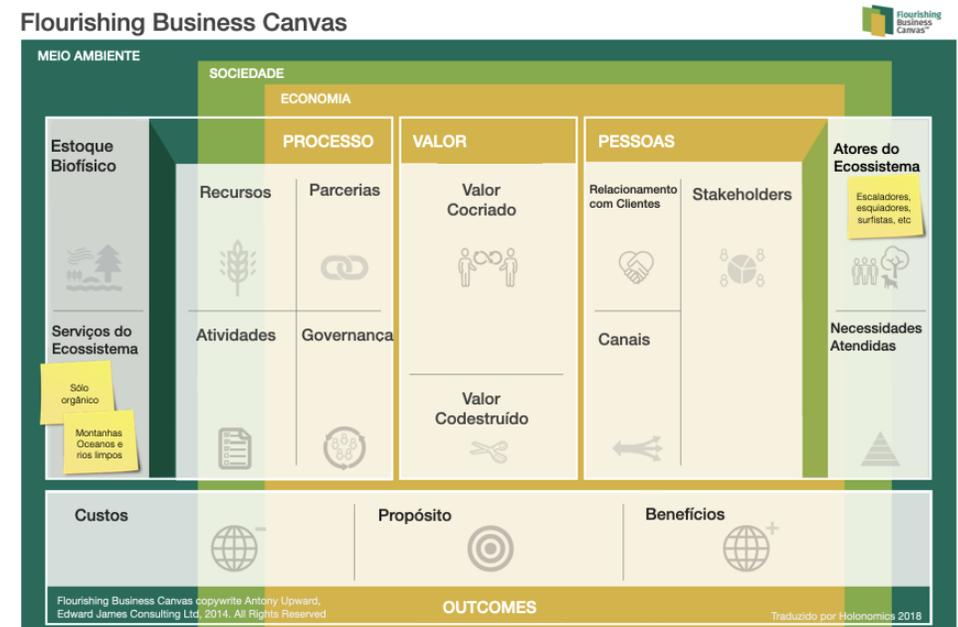
São exemplos de Empresas B no Brasil: 100% Amazônia, Natura, Farm, Arezzo&Co, Reserva, Boomera, Hering, Concha Y Toro, Danone Brasil, e outras<sup>42</sup>. Você já encontrou o selo de certificação do Sistema B por aí?

Já as **empresas regenerativas** utilizam seu modelo de negócios para gerar valor ambiental no contexto onde está inserida. Seus

produtos são planejados para satisfazer as necessidades dos stakeholders, ao mesmo tempo que respeita os limites ecológicos e atende as demandas da comunidade. A ferramenta de modelo de negócios utilizada para planejar as empresas regenerativas é o Flourishing Business Canvas (Figura 12).

São exemplos de empresas regenerativas, além da Juçai já citada, a Abelha Cacau, a cooperativa COOPATRANS, a Fazenda

**Figura 12:** Modelagem de negócios de empresas regenerativas



Fonte: MEIRA<sup>31</sup>, 2023.

Santa Catarina e a Fazenda Panorama. Todas produtoras de cacau e situadas na região Transamazônica, no estado do Pará<sup>31</sup>.

Nesta mesma esteira, temos as organizações que aplicam a gestão ESG em suas operações. O ESG é uma sigla em inglês para *Environmental, Social e Governance*. Ou em português, Ambiental, Social e Governança (ASG). O ESG abrange um conjunto de práticas voltadas para a preservação do meio ambiente, responsabilidade com a sociedade e transparência empresarial<sup>43</sup>.

Diferentemente da responsabilidade social corporativa, o ESG é uma decisão estratégica da empresa para prevenir e monitorar riscos financeiros e de reputação da marca. A ideia é adotar o ESG para se aproximar do público-alvo, fortalecer a relação com os stakeholders e garantir que a empresa tenha ótimos resultados no longo prazo.

Tais organizações encontram nas novas economias um ambiente propício para surgirem e se desenvolverem. Isto porque as novas economias questionam a economia dita tradicional, capitalismo, ressignificando o papel do mercado e de suas organizações.

Por conseguinte, nasce um novo empreendedor para as novas economias. Estamos presenciando um processo de transformação da gestão, dos gestores e das organizações. Em breve, todo desenvolvimento será sustentável, assim como todo empreendedorismo (e empreendedor) será social.

## 5 “A GENTE TEM QUE SE AQUILOMBAR”

As organizações são, na sua origem, um exemplo claro de nossa interdependência social e econômica, pois são criadas para agrupar pessoas que, de forma orquestrada, se esforçam para alcançar objetivos comuns. Não existem organizações sem pessoas. Assim como todos nós precisamos das organizações para viver, conviver e sobreviver em sociedade.

Este capítulo contém uma convocação: que todos nós possamos contribuir para um desenvolvimento sustentável e regenerativo. Em nossas vidas, na interação com as pessoas e com a natureza, e nas organizações. O DR (desenvolvimento regenerativo) defende uma profunda mudança sistêmica e uma interação ativa dos *stakeholders* com o local, ressignificando a forma de ver, entender e se relacionar com o meio e com o mundo<sup>30</sup>.

A partir da leitura deste capítulo, espero que o leitor aceite o convite de se tornar, a cada dia, um indivíduo, empreendedor(a) e/ou gestor mais consciente, ético e responsável, influenciando outras pessoas com suas novas escolhas e práticas. Somos todos parte da mudança. “Um mais um é sempre mais que dois” como cantou Beto Guedes.

Para auxiliar ainda mais nesse caminho transformador, sugiro um passeio pela página do movimento Capitalismo Consciente Brasil (<https://ccbrazil.cc/>), cujo propósito é acelerar a transformação cultural das empresas brasileiras, capacitando lideranças conscientes para impulsionar mudanças positivas nos negócios. E, também, conheça um pouco mais sobre o Sistema B, uma comunidade global de líderes que usam os seus negócios para a construção de um sistema econômico mais inclusivo, equitativo e regenerativo para as pessoas e para o planeta (<https://sistemabbrasil.org/>).

Se você, assim como eu, adora ouvir podcast enquanto faz as tarefas domésticas, espera no trânsito ou no consultório médico etc., indico o ESG em Foco. E de filmes, gosta? Então super recomendo o “Um novo capitalismo” (2017), disponível na Apple TV e no Youtube Movies. Esse documentário, além de trazer exemplos de NIS na Índia, no Brasil e no México, traz o professor Yunus falando sobre a importância dos negócios sociais na construção de um desenvolvimento mais justo, inclusivo e sustentável.

E, claro, a leitura do livro “Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo”, de Kate Raworth, é indispensável para te ajudar a entender a urgência dessa transformação econômica e social, de pessoas e negócios, em prol de um mundo mais justo.

“A gente tem que se aquilombar”. Você vem?

## REFERÊNCIAS

1. RAWORTH, K. **Economia Donut: uma alternativa ao desenvolvimento a qualquer custo.** Zahar, 2019.
2. Brasil. Tribunal Superior do Trabalho. **Estimativa aponta mais de 1,4 milhão de vítimas de escravidão moderna em países de língua portuguesa.** Disponível em: [https://tst.jus.br/-/estimativa-aponta-mais-de-1-4-milh%C3%A3o-de-v%C3%ADtimas-de-escravid%C3%A3o-moderna-em-pa%C3%ADses-de-l%C3%ADngua-portuguesa#:~:text=Os%20n%C3%BAmeros%20s%C3%A3o%20do%20Global,1%2C05%20milh%C3%A3o%20de%20pessoas](https://tst.jus.br/-/estimativa-aponta-mais-de-1-4-milh%C3%A3o-de-v%C3%ADtimas-de-escravid%C3%A3o-moderna-em-pa%C3%ADses-de-l%C3%ADngua-portuguesa#:~:text=Os%20n%C3%BAmeros%20s%C3%A3o%20do%20Global,1%2C05%20milh%C3%A3o%20de%20pessoas.). Acesso em: 13 ago. 2024.
3. ONU - Organização das Nações Unidas. **ONU confirma 2024 como o ano mais quente já registrado, com cerca de 1,55°C acima dos níveis pré-industriais.** Disponível em: <https://>

brasil.un.org/pt-br/287173-onu-confirma-2024-como-o-ano-mais-quente-j%C3%A1-registrado-com-cerca-de-155%C2%B0c-acima-dos-n%C3%ADveis#:~:text=A%20temperatura%20m%C3%A9dia%20global%20da,dos%20seis%20conjuntos%20de%20dados. Acesso em 15 jan. 2025.

4. FRANÇA FILHO, G. C. **Economia e Desenvolvimento**. Salvador: UFBA, Escola de Administração; Superintendência de Educação à Distância, 2019. 97 p.

5. FRANÇA FILHO, G. C.; EYNAUD, P. **Solidariedade e organizações: pensar uma outra organização**. Salvador: EDUFBA: Ateliê de Humanidades, 2020.

6. BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

7. HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

8. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Prática Recomendada: ABNT PR 2030: ambiental, social e governança (ESG) - Conceitos, diretrizes e modelo de avaliação e direcionamento para organizações / Associação Brasileira de Normas Técnicas**. – Rio de Janeiro: ABNT, 2022. 135 p.

9. POLANYI, K. **A subsistência do homem – e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

10. BOCCHINI, B. **Brasil gerou 64 quilos de resíduos plásticos por pessoa em 2022**. Agência Brasil, São Paulo, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/Brasil-gerou-64-quilos-de-residuos-plasticos-por-pessoa-em-2022#:~:text=Dados%20do%20Panorama%20dos%20Res%C3%ADduos,quilos%20por%20pessoa%20no%20ano>. Acesso em 27 out. 2024.

11. GRIZZI, A. L.; BORGERTH, V. M. da C. **Introdução ao ESG**. Rio de Janeiro: FGV, 2023.

12. ANASTACIO, M. R. et al. **Empreendedorismo social e inovação no contexto brasileiro**. Curitiba: PUCPRESS, 2018.

13. LAURSEN, E. et al. (org.). **Negócios de impacto socioambiental no Brasil: conceitos e reflexões de A a Z**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2021. E-book (64 p.). ISBN 978-65-00-19916-1. Disponível em: <http://cemp.iag.puc-rio.br/nisdeaaz/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

14. THE BODY SHOP. **The Body Shop Cruelty-Free Skincare Beauty Product**, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://www.thebodyshop.com/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

15. NATURA. **Natura Brasil: perfumaria, maquiagem e muito mais**, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://www.natura.com.br/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

16. NATURA. **Nespresso e Natura Ekos se unem em projeto inédito e transformam cápsulas de café recicladas em embalagens cosméticas sustentáveis**. 25 de out. de 2024. Disponível em: <https://www.natura.com.br/blog/mais-natura/nespresso-e-natura-ekos-se-unem-em-projeto-inedito-e-transformam-capsulas-de-cafe-recicladas-em-embalagens-cosmeticas-sustentaveis>. Acesso em 13 de

jan. de 2025.

17. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Governo Federal lança a Estratégia Nacional de Economia Circular**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/governo-federal-lanca-a-estrategia-nacional-de-economia-circular>. Acesso em 12 jan. 2025.

18. NAKAMURA, J. 85% da indústria brasileira pratica economia circular, aponta CNI. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/85-da-industria-brasileira-pratica-economia-circular-aponta-cni/#goog\\_rewarded](https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/85-da-industria-brasileira-pratica-economia-circular-aponta-cni/#goog_rewarded). Acesso em: 12 jan. 2025.

19. BANHOS, I. Mercado de brechós cresce em todo o mundo. **CRA-ES**, 2024. Disponível em: <https://www.craes.org.br/mercado-de-brechos-cresce-em-todo-o-mundo/>. Acesso em 12 jan. 2025.

20. FRANÇA, V. Lixo têxtil: descarte de roupas usadas cresce e vira um enorme problema ambiental. **REVISTA VEJA**, 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/agenda-verde/lixo-textil-descarte-de-roupas-usadas-cresce-e-vira-um-enorme-problema-ambiental#:~:text=Das%20170%20000%20toneladas%20de,diariamente%20para%20descarregar%20em%20lix%C3%B5es>. Acesso em: 12 jan. 2025.

21. É DE SOL COMPOSTAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Prazer, somos de sol**. Teresina, 19 jan 2024. Instagram: @somosdesol. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2TFCqdPKB7/?igsh=ZGFIYmZIM20yYWlu>. Acesso em 25 fev. 2025.

22. NINHO DO VERDE COMPOSTAGEM. **Algumas curiosidades sobre a ninho do verde compostagem**. Teresina, 14 out 2022. Instagram: @ninhodoverdecompostagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjtVvmJNRcp/?igsh=ZjFnZmozdnc0b3d2>. Acesso em 25 fev. 2025.

23. MARINS, J.. **Era do Impacto: o movimento transformador massivo da liberdade, das economias, dos empreendedores sociais e da consciência da humanidade**. 1 ed. Curitiba: Voo, 2019.

24. COUCHSURFING. **Couchsurfing: share your life**, 2025. Como funciona. Disponível em: <https://about.couchsurfing.com/about/how-it-works/>. Acesso em 25 fev. 2025.

25. FRANÇA FILHO, G. C. A via sustentável solidária no desenvolvimento local. **Revista Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 45, p. 219- 232, abr./jun. 2008.

26. YUNUS, M; JOLIS, A. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2006.

27. O QUE É O COMÉRCIO JUSTO? **CLAC-FAIRTRADE**. Disponível em: [142](https://clac-</a></p></div><div data-bbox=)

comerciojusto.org/pt-br/comercio-justo-2/. Acesso em 12 jan. 2025.

28. Programas de desenvolvimento local baseados nas necessidades de comunidades locais. **Natura**. Disponível em: [esg-scorecard.natura.com.br/search?for=%3Dlocal-communities&indicator=52b2e5a8-0018-4b51-b005-b6943994d48d](https://esg-scorecard.natura.com.br/search?for=%3Dlocal-communities&indicator=52b2e5a8-0018-4b51-b005-b6943994d48d). Acesso em: 13 jan. 2025.

29. JUÇAI. **Juçai**: nosso jeito sustentável, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://jucai.com.br/sustentavel/>. Acesso em 14 jan. 2025.

30. MUÑOZ, P.; BRANZEI, O. (2021). Regenerative Organizations: Introduction to the Special Issue. **Organization & Environment**, 34(4). DOI: 10.1177/10860266211055740. Acesso em: 13 jan. 2025.

31. MEIRA, J. de M. **Empresas regenerativas**: um estudo sobre as características e estratégias do modelo de negócio regenerativo. 2023. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, University of São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/D.12.2023.tde-23012024-205042. Acesso em: 13 jan. 2025.

32. PIPE SOCIAL. O que são negócios de impacto [recurso eletrônico]: características que definem empreendimentos como negócios de impacto. **Instituto de Cidadania Empresarial**. São Paulo, SP: ICE, 2019.

33. SEBRAE. Startup de Impacto. **Report Brasil 2024**. Disponível em: <https://digital.sebraestartups.com.br/mapeamento-das-startups-de-impacto>. Acesso em 13 jan. 2025.

34. NINA. **Super Nina**: cidades seguras para todo, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://portal.superninamob.com/>. Acesso em 25 fev. 2025.

35. ODONA. **Odoná**, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://odona.com.br/>. Acesso em 25 fev. 2025.

36. PIPIEE. **Piipee**: economia de água, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://www.piipee.com.br/>. Acesso em 25 fev. 2025.

**37. YUNUS NEGÓCIOS SOCIAIS**. Disponível em: <https://www.br.yunussb.com/funds/about>. Acesso em 13 jan. 2025.

38. SISTEMA OCB. **Anuário do Cooperativismo, 2024**. Disponível em: <https://www.anuario.coop.br/brasil/cooperados>. Acesso em: 13 jan. 2024.

39. AURORA ALIMENTOS. Aurora Coop, 2025. **Quem somos**. Disponível em: <https://auroracoop.com.br/quem-somos/>. Acesso em 25 fev. 2025.

40. SICOOB. Sicoob: associação digital nacional, 2025. **Sistema Sicoob**. Disponível em: <https://www.sicoob.com.br/web/sicoob/sistema-sicoob>. Acesso em 25 fev. 2025.

41. COOPERCATA. Coopercata, 2025. **Quem somos**. Disponível em: [https://www.coopercata.org.br/?pg=historia\\_cooperativas](https://www.coopercata.org.br/?pg=historia_cooperativas). Acesso em 25 fev. 2025.

**42. SISTEMA B BRASIL**. Disponível em: <https://sistemabrasil.org/>. Acesso em 5 ago. 2024.

43. SEBRAE. **Entenda o que são as práticas ESG**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-que-sao-as-praticas-de-esg,66c7e3ac39f52810VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 5 ago. 2024.



